



**MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO**  
**MTG-RS**  
**3ª REGIÃO TRADICIONALISTA**



**CONCURSO LITERÁRIO**  
**PEÕES E PRENDAS DO RS 2013/2014**

# O Luar de Jaciara



Autor: Laércio Braga  
Entidade: CTN “Sinos de São Miguel”

São Miguel das Missões, Fevereiro de 2014.

O Luar de Jaciara

O vento soprava forte na velha missão de São Miguel, era noite de lua cheia, e a pampa missioneira banhava-se pelo brilho de Jaxy, a lua, que repousava tranquila no horizonte de vastas e largas planícies, onde as sombras da noite se confundiam com os galhos inquietos das centenárias árvores, soprados pelo mesmo vento que assoviava um canto triste na imensidão da noite. Bem próximo dali, seguindo pelos caminhos que atravessavam a bela praça que se estendia diante da imponente catedral de São Miguel Arcanjo, em meio aos grandes avarandados das casas dos guarani, eis que havia uma delas em que a escuridão da noite era refletida pela alegria e felicidade de um jovem casal de índios, Nhamandú, que como o próprio significado do nome dizia “reflexo do sol”, um índio valente e destemido e sua amada Anauá, “pau de flor”, uma doce índia de pele morena com lábios vermelhos como as rosas que enfeitavam o velho pomar dos jesuítas, aos fundos da igreja.

Nascia ali, sob a luz do luar uma pequena e frágil indiazinha, nascida no orvalho da madrugada, sobre o brilho da grande lua mãe que coroava o céu pouco estrelado, daquelas noites que pareciam intermináveis.

\_ Vamos chamá-la Jaciara! “Tempo de luar; aquela que vem para trazer luz à escuridão.”- disse Anauá.

\_ Minha pequena rosa, filha da Deusa mãe Jaxy, enviada por Nhanderu para iluminar nossa casa Anauá! -dizia Nhamandú, em meio aos lacrimejantes olhos que já não podiam conter a emoção ao pegar em seus braços, aquela que era o fruto de um amor puro e verdadeiro.

\_ Nhamandú! Quero que cuides de nossa filha, ensine a ela somente o que for bom. Sinto que não tenho mais forças...e aos poucos percebo que esta sendo-me roubado o sopro da vida...

-Pare Anauá! Tu ficarás bem, minha amada, te acalmes estou ao teu lado e não te abandonarei!

-Não meu querido, sinto que aos poucos estou partindo... Minha missão aqui está chegando ao seu fim... Tempos difíceis estão se aproximando Nhamandú, é preciso que seja forte e valente, precisas mostrar a nossa filha as coisas belas desta vida, ensinar a ela a apreciar o tom das flores na primavera, o cântico dos pássaros no entardecer, a perceber que tudo aquilo que é bom e que existe foi feito por Deus para que nós humanos pudéssemos cuidar, fazer germinar a semente do amor, do carinho... ahhhhhh meu amado sentirei tanto tua falta...

\_ Anauá não me deixe! Anauá...Anauaaaaá!!!!...

Logo a noite ficou ainda mais escura, o que antes era um momento de alegria, já não refletia essa mesma beleza, os olhos de Anauá se fecharam diante dos braços do jovem Nhamandú.

Durante sete luas não se via mais o brilho do sol e nem o desabrochar das flores na missão de São Miguel, já não se ouvia a voz e o cantar doce e delicado da bela Anauá, pois uma forte infecção lhe fez padecer ao dar a luz a sua primeira filha, e seu amado Nhamandú chorava dia e noite o partir de sua amada.

Passados alguns anos, a bela indiazinha Jaciara crescia feliz dentro do Cotiguaçu, para onde fora levada após a morte de sua mãe, seu pai não poderia ficar cuidando dela, pois tinha os compromissos inerentes a todos os índios homens da redução.

Cada dia que passava Jaciara vivia correndo sobre os campos floridos de primavera, com o cheiro das flores de marcela e dos pequenos ramos de maçanilha que forravam o chão se estendendo num grande tapete verde, em que a cada gota de sereno brotava um novo ramo de grama. Como todas as crianças guarani, seguia rigorosamente a rotina da catequese dos padres Jesuítas, participava das oficinas e aprendia com as mulheres mais velhas a fazer balaios de taquara e artesanatos utilizando barro e madeira. Ela era uma índia especial, e todos notavam isso na missão, tudo o que fazia era feito com amor e carinho, aprendeu a cantar lindamente ouvindo os cantos dos passarinhos, aliás, se dava tão bem com todos os animais, que todos a cercavam para brincar e fazer travessuras.

Tempos bons aqueles na bela São Miguel, a vida lá apesar de regrada, tinha seus momentos de alegria, as festas em homenagem aos santos, os cânticos feitos pelos corais guarani ecoavam pela igreja, que por sinal, era exuberante e sinuosa com seus altares imponentes, seus castiçais de prata, e até o galo de estanho lá no alto da torre, que ao entardecer refletia a luz do céu criando um brilho mágico sobre a terra missioneira. Os anos, porém, não foram tão bons para Nhamandú, pois estava ficando velho e cansado e a dor que sempre carregava consigo por ter perdido sua amada se fazia presente a cada dia de sua vida, a saudade e avontade de abraçar a filha, o aperto no peito, em saber que se partisse deixaria sua filha ainda mais sozinha no mundo. Embora fosse proibida a visita as mulheres do Cotiguaçu, Nhamandú, uma vez por mês ia escondido por entre a mata e se abrigava em um pequeno entalhe numa das pedras que cercavam o Cotiguaçu, e que possibilitava ver e tocar na mão de sua filha. Por ser tão bondosa e amável, uma velha índia que vivia também ali, e que havia perdido seu marido há muitos anos, sem se quer ter um filho, sempre ajudava Jaciara a encontrar seu pai, distraindo as demais mulheres ou mesmo algum padre que adentrasse o Cotiguaçu. Jaciara cresceu ouvindo as histórias de seu velho pai, que lhe contava sobre a beleza de sua mãe, e de como ela a amava e queria que ele a mostrasse tudo aquilo de bom que existia na vida. Mas o tempo era cruel realmente, e chegou o dia em que a jovem indiazinha nunca mais ouviria as histórias ou se quer sentiria a mão acolhedora de seu pai que lhe segurava sua delicada mão com firmeza, mas não forte, apenas como se segura a mão de um pequeno filho quando se sai para passear e teme-se que ele se distancie.

Dez anos apenas, e a pobre Jaciara já havia vivido tantos momentos de dor, nunca sentira o calor do colo de sua mãe, apenas das índias que a amamentaram quando ainda bebê e das velhas senhoras guarani que lhes contavam histórias sobre o espírito de Yvy, que era própria mãe terra que abençoava seus amados filhos com um local fértil para que pudessem tirar o sustento, tudo isso fazia com que a pequenina indiazinha sentisse ainda mais a amargura de não conhecer aquela cujo um dia era a índia mais bela dos sete povos missioneiros, e que lhe gerou com um amor tão grandioso e forte, como seu pai sempre lembrara. Agora, ainda mais sozinha e sem poder despedir-se de seu velho pai a pequena guarani, passava o resto dos dias junto aos passarinhos e aos pequenos bugios que subiam e desciam os sinuosos galhos das timbaúvas e angicos, que cercavam os altos muros do Cotiguaçu, a cantar cantos tristes e dolorosos diante da amargura e tristeza que tomara conta de sua precoce porém cruel e solitária existência.

A vida na missão de São Miguel era tranquila e calma, os padres ensinavam os pequenos índios nas escolas e oficinas, as mulheres faziam seus cestos e artesanatos, enquanto que, os homens guarani, alternavam entre as tarefas de caçar, plantar alimentos, com as oficinas de carpintaria, marcenaria, esculpindo ricas e detalhadas imagens de santos aos quais eram colocados sobre os grandiosos altares da catedral de pedra, que dia após dia tomava sua forma, com grandes paredões e galerias, suas ricas colunas entalhadas com desenhos e pinturas, sua fachada imponente e levemente inclinada para frente a tornava majestosa e com uma beleza formidável.

A pequena indiazinha que vivia cantando triste e solitária pelo Cotiguaçú, agora se tornara uma bela mulher, em seus quinze anos, apesar de dor e sofrimento, foi desenvolvendo uma incrível beleza, seus olhos eram dourados como o mel mais puro que se vira, possuía um brilho tão forte e especial que contrastava com sua pele morena, porém clara, como se tivesse sido banhada pela lua, seus lábios grandes e delicados lembravam as doces e vermelhas pitangas que recobriam o já velho Cotiguaçú, e seus longos cabelos negros...ah o seus cabelos tão negros tal como a noite em que nasceu, reluziam por entre os sedosos fios o brilho da lua e das estrelas. Depois de sua mãe, nenhuma outra índia nascera tão bela e formosa em toda a redução, quanto Jaciara, logo a fama de sua beleza correu solta por todos os sete povos das missões e todos os jovens índios sonhavam em casar-se com aquela índia cuja beleza era infundável, porém recoberta por tristeza e solidão.

Todo entardecer, era como um ritual para Jaciara que ia até um velho pé de Ypê roxo para cantar seus tristes e melancólicos cânticos, e eis que um dia durante uma caçada um jovem índio de nome Nicolau Yendú, valente e audaz, se aproximou do Cotiguaçú, envolvido pelo triste e profundo canto da bela índia Jaciara.

Embora seguro e reforçado com muros erguidos com pedras, as paredes do velho Cotiguaçú guardavam entalhes no encaixe das pedras, que possibilitava ver através das fendas, como ele era lá dentro, por essas mesmas fendas que Jaciara conseguia falar e tocar a mão de seu pai. O jovem Nicolau por sua vez, obstinado e encantado pela voz suave e delicada que transpassava as grossas paredes, e sabendo da história da jovem índia de grande beleza que vivia trancada lá dentro, foi seguindo entre as árvores com grandes raízes que recobriam o chão e emaranhavam as pedras, até encontrar um pequeno reflexo de luz que insistia em iluminar a escuridão imposta pela copa de grandes corticeiras e alguns jerivás, que brigavam por espaços com os espinhos de caraguatá que tomavam conta da vegetação. Nicolau foi se aproximando aos poucos e com a ajuda de um punhal que sempre carregara consigo foi desbravando o caminho, até que por fim conseguiu chegar aquele misterioso ponto de luz.

Ao olhar a pequena fenda por entre as pedras, seu corpo estremeceu-se maravilhado, ao ver a beleza de uma índia tão bela quando as noites de luar, sim, ela era realmente a filha da deusa mãe lua, uma beleza delicada, uma sensualidade explícita em seus longos e sedosos cabelos negros, tão negros quanto as escuras e silenciosas noites na missão. Ainda apreciando a beleza da jovem índia, Nicolau sem querer escorregou em alguns pedregulhos que havia pelo chão e acabou se ferindo nos espinhos de caraguatá, soltando um grito que logo fez com que a linda “flor guarani”, como também era chamada Jaciara, percebesse que havia alguém por ali:

\_ Quem está aí?Olá? Ora! Digas! Quem está aí?- dizia apreensiva e assustada a bela Jaciara.

\_ Perdoe-me, sou Nicolau Yendú fiquei encantado com sua voz e queria saber de onde vinha essa triste e melancólica melodia.

\_Não deverias estar aqui, tu bem sabes que não podes chegar se quer perto do Cotiguaçú, se o santo padre Cristovão sabe que te encontras por estas bandas não irá gostar nenhum pouco. Anda! Apressa-te em sair daqui antes que alguém te veja!

\_Está bem linda flor! Irei partir porque não quero que tu tenhas problemas com nosso santo padre, pois eu não temo a nada e arriscaria minha vida para poder te ver novamente.

Após dizer isso o valente e agora apaixonado Nicolau, saiu correndo pela mata antes que fosse percebido. Jaciara embora não quisesse que o belo guarani percebe-se , também sentira-se envolvida por ele, não conseguira dormir aquela noite, sentia algo dentro do peito como se a sufocasse, mas ao mesmo tempo tinha uma sensação tão boa e sentia uma felicidade tão grande como nunca sentira na vida, talvez ela nem soubesse o que era a felicidade, diante de uma vida marcada pela dor e pelo sofrimento, mas eis que ela comparava aquela sensação tão boa, com a mesma que sentia quando estava junto de seu pai ouvindo as histórias que ele contava, talvez aquilo era a felicidade, que ela achara nunca ter tido antes.

No dia seguinte, Nicolau veio no mesmo lugar que viera anteriormente, e assim foram se sucedendo os dias, e conforme o tempo ia passando, sem que ambos percebessem nascia ali uma grande história de amor e carinho. E assim seguira o tempo, os passarinhos cantavam marcando o findar do inverno, as flores lentamente começavam a acordar e colorir os campos, perfumando-os com o cheiro da primavera, as árvores vestiam com um manto colorido de flores, os cipós ganhavam um novo tom de cores, revigorando e tornando -se cada vez mais fortes, alegrando as crianças guaranis que balançavam-se e brincavam com eles.

Jaciara nunca havia sentido tal sensação, era algo novo para ela, porém estava tão bem, tão feliz, como se agora sim tivesse “vida”, talvez aquela vida que seu pai contava nas histórias e que sua mãe tanto queria que ela conhecesse. Sua linda voz já não cantava cantos tristes e solitários, como um Urutau que canta a tristeza nas noites sombrias, agora sua voz cantava cânticos de alegria, de amor, como os cardeais e os demais passarinhos que ela sempre via saltitando de galho em galho, e que só agora entendera que aquilo era a felicidade. Cada momento junto de seu amado Nicolau, era um momento de felicidade sem fim, entre juras de amor eterno e carinhos nas mãos que se apertavam na pequena fenda entre as pedras, mas que possibilitava sentirem o tocar de uma com a outra, representava algo mágico que estavam vivendo, algo que nada podia explicar... Quem diria que depois de tanto sofrimento a outrora triste e amargurada indiazinha, agora vivia feliz e sentia o amor invadir seu coração?

Mas nem tudo seria bom daqui pra frente, a profecia que sua mãe Anauá fizera antes de morrer estava próxima de se concretizar, tempos difíceis ainda estavam por vir na bela missão de São Miguel Arcanjo.

Portugal e Espanha assinam o Tratado de Madrid, e por esse tratado Os Sete Povos das Missões seriam entregues aos portugueses em troca da Colônia do Sacramento, que por sua vez, ficaria com a Espanha. Os guarani seriam obrigados a abandonar

suas terras e seguirem para a Colônia do Sacramento, descontentes com essa decisão, estoura a Guerra Guaranítica, as missões foram atacadas e destruídas, centenas de indígenas dizimados e suas casas incendiadas. Mulheres, crianças, homens, idosos, enfim, guarani, sendo massacrados em suas próprias terras.

O Cotiguaçu foi invadido e as mulheres uma a uma iam sendo mortas, as crianças choravam desesperadas diante de suas mães já sem vida, um rastro de sangue e dor corria na missão que um dia foi a mais bela dos sete povoados missionários. Como todos os índios homens Nicolau Yendú foi para a guerra, na linha de frente atacou os exércitos imperiais, defendendo os ideais e os direitos de liberdade dos guarani, até levar um tiro pelas costas de um soldado das tropas imperiais, mesmo cambaleante e ensanguentado montou em seu cavalo e seguiu em direção ao Cotiguaçu atrás de sua amada Jaciara para salvá-la da força devastadora das tropas portuguesas que provocaram uma verdadeira chacina dentro do Cotiguaçu, que já não tinha a mesma beleza, que antes enxergara pela pequena fenda, onde encontrava sua amada.

Nicolau entrou a galope dentro do Cotiguaçu que já estava abandonado pelas tropas que haviam se debandado mais a leste da redução, entre os corpos de mulheres e crianças ele encontra caída desfalecida no chão sua amada Jaciara, neste momento sentiu uma grande dor, seu grande amor estava morta, apeou do cavalo e embora ferido seguiu em direção de sua grande paixão que estava ali naquele chão frio e coberto de sangue, embaixo de uns escombros e de um corpo de uma velha mulher guarani, aproximando-se percebeu que sua amada Jaciara ainda respirava, segurou firme sua mão e aproximou seus lábios aos mornos e vermelhos lábios de sua querida, ela estava desmaiada e quando a beijou ela despertou, e o abraçou tão forte como se fosse um pequeno ser que agora sentira-se protegido, amparado nos braços de seu amor.

Ela contou sobre o violento ataque ao Cotiguaçu e que a velha senhora guarani que lhe contava história quando criança, havia se jogado na frente dela levando um tiro para protegê-la. Nicolau Yendú estava ficando fraco, Jaciara chorou pedindo que ele não abandonasse que ela não aguentaria viver sem ele, então Nicolau decide que precisavam fugir dali antes que algum soldado os encontrassem. Montaram no cavalo e embora quase sem forças, já sentindo a morte invadir suas entranhas, Nicolau saiu cavalgando pelos campos devastados da redução, levando sua amada na garupa, correram várias léguas pela escuridão da noite, já estava quase raiando o dia, quando apearam do cavalo nas proximidades de um rio de águas límpidas e areia clara, o Rio Inhacapetum, Jaciara ajudou seu amado a deitar-se sobre a areia e ele pediu que deitasse ao seu lado:

\_ Minha linda flor fique aqui comigo, quero morrer em paz e ao lado de meu grande amor.

\_ Não,... Tu não irás morrer, tu não podes me deixar! Não aguentarei perder mais uma pessoa que tanto amo! Se tu partires minha vida não terá mais sentido! Ohh Nicolau Yendú não me deixes, eu te ordeno que não me deixes... Vou buscar ajuda!

\_ Não minha amada, fique aqui comigo, está na minha hora de partir, e tu tens uma vida pela frente, és jovem e bonita fique aqui ao meu lado, me de esta última alegria...

\_ Minha vida, ficarei ao teu lado para sempre, nós ficaremos juntos, teremos muitos

filhos, construiremos uma linda família...

\_Jaciará apenas me abrace...

A escuridão da noite aos poucos ia findando-se, e os primeiros raios de sol começando a invadir o céu daquela terra, porém agora não tinha o mesmo brilho, que outrora invadia as galerias da imponente catedral missioneira, que aquecia os longos avarandados das casas guarani. Ali mesmo no chão eles adormeceram abraçados, diante da luz da lua que clareava a pampa naquela noite marcada pelo massacre sangrento da grande civilização guarani, até as estrelas que antes enchiam de vida o céu escuro da noite não tinham o mesmo brilho.

O dia clareou rápido e o sol já mostrava seus fortes raios no alto do céu, refletindo-se na água transparente e calma do rio Inhacapetum. Jaciará despertou com o canto triste de um pardal num velho Ypê próximo a margem do rio:

\_Nicolau acorde, meu amor acorde!

Mas os olhos que um dia encantaram Jaciará já não brilhavam mais, Nicolau Yendú estava morto. Jaciará caiu em prantos, perdera o grande amor de sua vida, vida? Que vida ela tinha? Nesse momento só vinha em sua lembrança a dor que sentira desde pequena, perdera sua mãe, seu pai e agora seu grande e eterno amor, que tinha mostrado a ela o que era a felicidade. Levantou-se da areia já morna pelo calor do sol, e avistou um velho tronco de cerne tombado entre outros pequenos arbustos, seguiu até lá e pegou um dos galhos que ainda estavam presos no grande tronco, quebrou o galho e com ele começou a cavar na areia, fez uma pequena cova perto do imponente Ypê onde cantava triste o pequeno pardal, para enterrar seu amor. Jaciará enterrou seu amado antes, porém, deu-lhe um último beijo e pegou um velho punhal que Nicolau tinha sobre a cintura. Cobriu o corpo já frio com a areia morna e branca que adentrava a mata, e colocou um pequeno ramo de flores que cresciam entre os musgos úmidos, próximo a margem do rio.

A bela índia de pele morena e com longos cabelos negros, que fora a mais bela dos sete povos missionários, já não tinha o mesmo brilho no olhar, já não tinha também aquele doce e meigo sorriso que tanto encantara seu amado. Diante de tantas tristezas na vida, a jovem guarani de beleza sem igual seguiu em direção as águas cristalinas do rio calmo e silencioso, segurando o punhal em sua mão, olhou a água límpida e espelhada, e viu seu reflexo, percebeu que apesar de bela sofreu muito, mas também descobriu a coisa mais linda do mundo que ela achava que nunca iria encontrar, o amor, segurou firme o punhal com as duas mãos levantando para o alto e disse que agora entregaria sua alma para seu pai Nhanderu, o senhor de todo o universo e de todas as coisas, e para sua deusa mãe Jaxy, que lhe abençoou quando nasceu, e lançou violentamente o punhal sobre o peito, acertando seu coração, seu corpo caiu sobre as mansas águas do rio que o levaram em sua suave e branda correnteza, nunca mais ouviu-se falar sobre a bela índia Jaciará, nem seu corpo foi encontrado.

Reza a lenda que Nhanderu, o senhor do universo e Jaxy, a grande lua mãe transformaram o espírito de Jaciará em uma linda estrela no céu, que sempre fica próxima de sua mãe, a lua, brilhando intensamente nas noites escuras e sombrias, e há quem diga ainda que nas noites de lua cheia, a bela índia desse a terra para banhar-se